

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

O DESENVOLVIMENTO DA RESSURREIÇÃO NO ANTIGO TESTAMENTO

MARTIN-ACHARD, Robert. **Da morte à ressurreição segundo o Antigo Testamento**. Tradução de Wagner S. Cunha. 2.ed.¹ Santo André: Academia Cristã, 2015.

Willibaldo Ruppenthal Neto²

Robert Martin-Achard (1919-1999) foi um grande teólogo francês, infelizmente pouco conhecido no Brasil. Apesar de uma de suas obras, *Como ler o Antigo Testamento*, já ter sido publicada no Brasil, décadas atrás³, Martin-Achard ainda é nome pouco citado e pouco conhecido, mesmo entre estudantes de teologia. Robert Martin-Achard nasceu em Coligny, mas estudou em Bâle, Zurique e na Universidade de Genebra, onde defendeu a tese de doutorado (1955) que foi posteriormente publicada como o livro aqui resenhado.

Após trabalhar em Montpellier como conferencista (1946-1948), foi professor de Antigo Testamento nas faculdades teológicas de Neuchâtel (1956-1972) e Genebra (até 1984). Apesar de ter vivido na França grande parte de sua vida e escrito em francês, teve importante influência de autores alemães, dominando bem esta língua e recorrentemente se servindo dos estudos na mesma para suas pesquisas a respeito do Antigo Testamento. Pode-se perceber clara influência de diversos teólogos alemães em suas obras, dentre os quais:

¹ A primeira edição data de 2005.

² Graduando em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR) e graduando em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail para contato: willibaldoneto@hotmail.com

³ MARTIN-ACHARD, Robert. *Como ler o Antigo Testamento*. São Paulo: ASTE, 1962.

Walther Zimmerli⁴, Walther Eichrodt⁵, Gerhard von Rad, dentre outros⁶. Também sua participação no comitê editorial da *Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft* marca a sua relação com a teologia alemã.

Pastor da Igreja Reformada de Nancy (1950-1957), buscou sempre vincular seus estudos teológicos com a prática pastoral. Assim, a obra aqui resenhada não apenas partiu de inquietações existenciais como também “o exercício do ministério pastoral tornou-a particularmente presente” (p. 11) na vida do autor.

Seus estudos se centraram no Antigo Testamento, tendo escrito importantes estudos exegéticos e teológicos, especialmente a respeito dos profetas, permitindo que os mesmos sejam lidos “sob uma nova luz”⁷, assim como a respeito da antropologia teológica do Antigo Testamento, a exemplo da obra aqui resenhada.

O título da obra, *De la Mort a la Résurrection d’après l’Ancien Testament*, foi mantido de forma literal na tradução portuguesa: *Da morte à ressurreição segundo o Antigo Testamento*. Seu propósito, que delinea o eixo central da obra, fica claro já no título: trata-se de uma busca pelo desenvolvimento da ideia de ressurreição no Antigo Testamento. Para evidenciar tal processo, o autor divide sua obra em três partes – “A vida e a morte segundo o Antigo Testamento” (2 capítulos), “A vitória sobre a Morte” (3 capítulos), e “Da morte à ressurreição” (2 capítulos) – cada qual com um formato, uma metodologia e um propósito próprio.

Na primeira parte, “A vida e a morte no Antigo Testamento”, Robert Martin-Achard visa estabelecer as concepções antropológicas a respeito da vida (capítulo 1) e da morte (capítulo 2), que são expressas e evidenciadas no Antigo Testamento. No primeiro capítulo, o autor leva o leitor a ver e sentir a vida tal qual um judeu da Antiguidade, demonstrando, mediante uma escrita agradável e polida, “os desejos e anelos de um povo do campo” (p. 20). Assim, aponta as particularidades do povo israelita, permitindo que o leitor perceba a distância para com estes, ao mesmo tempo que permite uma aproximação quase visual. Para o israelita, tal como o autor aponta, a vida se evidencia em sua existência, em ter “uma família da que é intimamente solidário, uma terra sobre a qual pode e deve viver, um povo cujo destino compartilha” (p. 21), assim como é compreendida não mediante abstrações, mas pelas manifestações visíveis e materiais: a respiração, a força vital, a prosperidade, a paz, a

⁴ “Walther Zimmerli nos deixou a bela recordação de um cientista e crente que quis ser desde o início até o fim de sua vida, uma testemunha do Deus bíblico; seus escritos atestam firmeza e equilíbrio, assegurando-lhe um eco perdurável. A ciência veterotestamentária evoca sua obra com reconhecimento, e com esta, a Igreja e sua pátria” (MARTIN-ACHARD, Robert. “Hommage a Walther Zimmerli (1907-1983)”, *Revue de Théologie et de Philosophie*, Vol. 34, No. 116, 1984, pp. 273-274 [274]).

⁵ Cf. MARTIN-ACHARD, Robert. “Walther Eichrodt (1890-1978)”, *Revue de Théologie et de Philosophie*, Vol. 29, No. 111, 1979, pp. 197-198.

⁶ Cf. MARTIN-ACHARD, Robert. “Théologies de l’Ancien Testament et confessions de foi”, *Revue de Théologie et de Philosophie*, Vol. 35, No. 117, 1985, pp. 81-91. Cabe destacar que neste artigo, tendo analisado somente teologias alemãs, termina o artigo com uma nota bibliográfica contendo uma referência francesa e cinco anglo-saxãs.

⁷ “Hommage a Robert Martin-Achard”, In: MARTIN-ACHARD, Robert. *Permanece de l’Ancien Testament: recherches d’exégèse et de théologie*. Cahiers de la Revue de Théologie et de Philosophie: Genève; Lausanne; Neuchâtel, 1984. p. iii.

segurança, a alegria, a luz, a vitória, etc. Ao mesmo tempo que a vida é compreendida no aqui e agora, passa a adquirir um “matiz escatológico”, esperando seu significado último no futuro (p. 31).

A morte, apontada no segundo capítulo, é percebida pelo israelita – segundo o autor – com certa naturalidade, uma vez que o homem, formado do pó, a este deve retornar, não sendo de forma alguma divino, mas ser mortal, “ser-para-a-morte”⁸. A morte é compreendida de forma ambígua: é tanto o fim da existência, quanto a passagem para uma nova situação, no mundo dos mortos. Segundo o autor, esta ambiguidade se dá por uma dupla influência, que gerou no pensamento israelita contradições que coexistiram na mentalidade semítica que possui uma psicologia diferenciada, a qual “aceita perfeitamente afirmações que para nós nos parecem se excluir” (p. 34). Assim, ao mesmo tempo que o autor apresenta o Sheol e a situação dos mortos, demonstra como, na mentalidade daqueles, a continuação da vida estava atrelada à posteridade, seja por meio de uma descendência, seja pelo próprio povo de Israel. Assim, a morte é especialmente “uma separação radical do Deus vivo, uma ruptura quase total com o mundo dos vivos” (p. 63), não sendo relacionada à esperança, tal como na mentalidade cristã.

Na segunda parte, “A vitória sobre a Morte”, o autor realiza diversos estudos exegéticos profundos sobre inúmeros textos do Antigo Testamento que expõem em seu conjunto um desenvolvimento da usual percepção da morte como fim e inexistência, para esta como esperança, ou melhor, para a esperança de Deus resgatar os seus do poder da morte e destruir este mesmo poder. Este desenvolvimento é apresentado, porém, em três capítulos diferentes. No primeiro capítulo, o autor aponta textos que indicam somente manifestações de Yahweh sobre a morte, tal como nos arrebatamentos de Enoque e Elias. No segundo capítulo, são analisados os textos que se referem claramente à ressurreição dos mortos, evidenciando a diversidade dos mesmos, que “respondem a preocupações diferentes” (p. 164) e indica “múltiplas causas no nascimento e no desenvolvimento da crença com respeito ao despertar dos mortos” (p. 164). No terceiro capítulo, porém, são apontados diversos textos que recorrentemente são interpretados como anúncios da ressurreição, mas que não devem ser interpretados deste modo. Desta forma, o autor mostra que em muitos casos os autores bíblicos “debilitam as portas do reino dos mortos” (p. 198) sem terem consciência do resultado: a formação de uma ideia de ressurreição que é apropriada pelo judaísmo e que serve de base fundamental para a religião cristã.

Por fim, na terceira e última parte, “Da morte à ressurreição”, o autor visa apontar as causas teológicas e culturais que possibilitaram o desenvolvimento da ideia de ressurreição e o evidente uso desta ideia nos textos bíblicos (2.2). Após refutar a teoria de uma influência estrangeira na construção da ideia de ressurreição (3.1), seja da parte dos persas – ideia recorrentemente apontada – seja da parte de cananeus, mesopotâmicos, egípcios, etc, finalmente chega à seu último capítulo: “A crença do Antigo Testamento na ressurreição dos mortos. Consequência da revelação do Deus vivo para seu povo” (3.2). Neste último capítulo,

⁸ Martin-Achard chega a valer-se do conceito de Heidegger de “ser-para-a-morte”, utilizando-o quase que somente a título de comparação, mas evidenciando novamente a influência germânica.

Martin-Achard demonstra com propriedade que a ressurreição não é uma ideia trazida de fora e implantada na religião judaica, mas é a consequência teológica de uma revelação progressiva do Deus vivo a seu povo: “a fé na ressurreição nasceu definitivamente da revelação de Yahweh a Israel” (p. 240). O Deus que possui poder sobre a morte, que é bondoso e justo, não apenas tem poder como deseja resgatar os seus do poder da morte. Assim, “a esperança no além nasceu no seio da união com Deus no meio dos seus” (p. 237). Em que momento isto ocorre? Quando os crentes devotos, os hasidim, são confrontados com um contexto político completamente adverso (sob Alexandre Magno e principalmente sob Antíoco Epifânio) e se mantêm firmes em sua fé, aparece a ressurreição: “a ressurreição aparece como a resposta de Deus àquele que sacrifica tudo para ser-lhe fiel. A ressurreição é, de certa forma, a consequência do martírio, a recompensa do que aceita perder a vida por Yahweh” (p. 239). Esta é a resposta encontrada por Martin-Achard em sua longa e profunda pesquisa: o Deus vivo permanece sendo a resposta.

Cabe aqui um comentário final. Apesar de existir certo número de obras de antropologia teológica no mercado editorial brasileiro, poucas trabalham especificamente a antropologia do Antigo Testamento. A obra de Martin-Achard aqui resenhada é uma obra fundamental na estante de qualquer estudante de teologia do Antigo Testamento, uma vez que trabalha sobre uma perspectiva ainda bastante carente no contexto brasileiro, onde as obras de Hans Walter Wolff⁹, Ronald A. Simkins¹⁰ e H. H. Rowley¹¹ são agora acompanhadas por mais uma voz importante. A obra de Martin-Achard, além de deliciar qualquer leitor que aprecie o estudo do Antigo Testamento, traz consigo um alerta: faz-se urgente um estudo propriamente brasileiro de antropologia do Antigo Testamento. A ausência de Hans Walter Wolff entre as referências mostra que se trata de uma obra anterior a este teólogo alemão que dividiu águas no estudo do assunto. O Brasil, portanto, apesar de ter agora mais uma edição de uma obra de qualidade diferenciada¹², evidencia sua carência no assunto. Cabe a nós, estudantes de teologia, suprimos esta carência no contexto teológico brasileiro e, quem sabe, em um contexto teológico ainda mais amplo. Mãos à obra!

⁹ WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2007.

¹⁰ SIMKINS, Ronald A. *Criador e criação: a natureza da mundividência do Antigo Israel*. Petrópolis: Vozes, 2004.

¹¹ ROWLEY, Harold Henry. *A fé em Israel: aspectos do pensamento do Antigo Testamento*. São Paulo: Editora Teológica, 2003.

¹² Agradeço à editora Academia Cristã pela excelente edição de uma obra tão pertinente para o estudo teológico brasileiro.